

PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Samantha Ávila Pinto*

Resumo: O presente artigo apresenta a prática docente desta autora enquanto discente do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande/FURG sob a orientação da Profa. Dra. Vivian Paulitsch, tendo por fundamentação a pesquisa histórica e arquitetônica da Igreja Nossa Senhora do Carmo em Rio Grande/RS, edificação cultural do município. A partir da pesquisa, que teve por objetivo remontar a trajetória da igreja e aprofundar os conhecimentos com relação à arquitetura da mesma, construiu-se uma proposta docente para o ensino de história e áreas afins. A proposta foi desenvolvida com 30 discentes de uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II no segundo semestre de 2014 e procurou proporcionar aos educandos o conhecimento da história da cidade a partir da arquitetura da Igreja do Carmo e, por consequência, a valorização do patrimônio cultural local e universal.

Palavras-chave: Ensino. Patrimônio. Arquitetura.

Abstract: This article discusses the teaching practice of this author as student of the Graduate Program in History at the Federal University of Rio Grande / FURG under the guidance of Professor. Dra. Vivian Paulitsch, with the state reasons the historical and architectural survey of the Church of Our Lady of Mount Carmel in Rio Grande / RS, cultural building of the municipality. From the research that had the objective of reassembling the path of the church and deepen the knowledge of the architecture of it, built up a teaching proposal for the teaching of history and related fields. The proposal was developed with 30 students in a class of 6th grade of elementary school II in the second half of 2014 and sought to provide students the knowledge of the city's history from the Carmo Church architecture and thus the enhancement of local cultural heritage and universal.

Keywords: Education. Patrimony. Architecture.

* Universidade Federal do Rio Grande - FURG
Licenciada em Artes Visuais e Mestranda do Mestrado
Profissional em História pela FURG
E-mail: samyter@gmail.com



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

O presente artigo apresenta o trajeto e os resultados prévios da ação docente desta autora como mestranda do Programa de Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande, sob a orientação da Profa. Dra. Vivian Paulitsch.

O trabalho teve por eixo temático processos patrimoniais no ensino de história através da arquitetura da cidade do Rio Grande¹, tendo como protagonista do estudo a edificação cultural Igreja Nossa Senhora do Carmo, construção em estilo historicista², localizada na linha de preservação patrimonial do IPHAN.

Rio Grande é uma das cidades mais antigas do estado do Rio Grande do Sul. Por ter um forte porto marítimo, foi alvo de um desenvolvimento bem acentuado no que tange à instalação de movimentos fabris na cidade. Por esse motivo, a arquitetura da cidade tem a influência daqueles que vieram de lugares além-mar trazendo o dito *progresso*.

Contudo, permeando essa realidade de cidade histórica, há falta de conhecimento acerca do que a caracteriza como tal. Tratando-se, então, de patrimônio imaterial ou material, docentes e demais indivíduos engajados com essa temática tem a preocupação de que os cidadãos conheçam a história do local onde vivem e que faz parte da história de cada um para que possam valorizá-lo e possam colaborar como agentes reprodutores dessa valorização.

Pensando nisso, a presente pesquisa objetiva proporcionar, através do ensino de História, o conhecimento e a valorização da memória de Rio Grande, com base na pesquisa

¹Esta se deu quando o Brigadeiro José da Silva Paes, em 1737, transpôs a Barra e desembarcou no extremo norte da península. Iniciou-se assim o povoamento da região com a formação do Presídio Jesus-Maria- José. A drenagem do cais e a construção do Porto em 1823 permitiram a passagem de navios de maior porte, que até então somente atracavam no porto de São José do Norte. No início do século XIX a então *Vila do Rio Grande* possui uma característica mais comercial do que militar. Em 1835, a Vila do Rio Grande de São Pedro, passou à denominação de Cidade do Rio Grande. Desde as últimas décadas do século XIX em Rio Grande iniciam as atividades industriais. O momento histórico coincide com os investimentos feitos no Porto e na Barra. Nos anos de 1950 e 1960 ocorreram fases de grande crescimento e outras de estagnação. O crescimento horizontal da cidade acompanha estas fases e se estagna depois do fechamento dessas fábricas. A década de 1970 é um período próspero para o município com a construção do Distrito Industrial do Rio Grande: a área portuária transformou-se em terminal marítimo servindo como corredor de exportação para toda produção gaúcha. As obras foram iniciadas com a construção da infraestrutura viária e instalação do primeiro terminal graneleiro. Nos anos de 1970, ocorre a fundação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Na mesma época, junto à rodovia Rio Grande/Pelotas, é implantado um grande loteamento de alto padrão. Na década de 1980, têm-se planejamentos de mais loteamentos, com características populares. A partir de 1980, o limite urbano é ultrapassado e em janeiro de 1987 – com a aprovação do plano diretor de desenvolvimento integrado – a área urbana legal reconhece a área urbana até o Cassino, abrangendo o Distrito Industrial e Super Porto, ampliando-se assim consideravelmente a área de jurisdição urbana. Este histórico faz parte da trajetória de pesquisa sobre o patrimônio da cidade do Rio Grande. (PAULITSCH, 2009).

² Segundo Weimer (2003), durante o século XIX e a primeira metade do século XX, esse é o método de concepção e realização arquitetônica que se caracteriza por usar uma linguagem extraída de realizações pretéritas.



histórica e da arquitetura de uma das edificações culturais da cidade: a Igreja Nossa Senhora do Carmo.

A seguir, resumidamente, será apresentada a pesquisa histórica realizada a fim de fundamentar a prática docente que será explanada ao longo do texto.

2. Igreja Nossa Senhora do Carmo – História

A igreja do Carmo em Rio Grande é fruto de muitas histórias que se entrelaçam. 1777 foi o ano em que o Comissário da Ordem no Rio de Janeiro autorizou a fundação da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo na, então, vila do Rio Grande de São Pedro, aumentando, assim, o número de fiéis católicos no município. O catolicismo teve sua presença inicial em solos brasileiros quando o país passou a ser colônia de Portugal, uma vez que a igreja Católica faz parte do Estado Português. A ordem terceira se constitui por leigos que assumem a organização eclesiástica em determinado lugar onde há a ausência de um clero organizado e regular da mesma ordem. Esta esteve presente na cidade de Rio Grande desde o século XVIII.

Em 15 de julho de 1780 foi proferida uma benção em honra a Nossa Senhora do Carmo, na igreja de São Pedro, primeira igreja católica da cidade, que até então servia de berço à santa e lugar de culto aos professos. Com isso, o número de devotos a Virgem do Carmo aumentou e os frades pleiteavam sua própria sede em devoção à santa. Perseverando em seu propósito, obtiveram sucesso, conforme o seguinte relato:

Os Irmãos Terceiros, coagidos em parte naquele ambiente, numerosos e ativos, tentaram alcançar plena independência e lugar próprio para o culto e desobrigados deveres religiosos. Em terreno já próprio à Rua Marechal Floriano, esquina da Rua 16, lançou a pedra fundamental do novo templo da Ordem em 1800... Aos seis dias do mês de novembro de 1809 o Padre Francisco Inácio da Silveira, Delegado ‘ad hoc’, benze solenemente o novo e formoso templo do Carmo. (JOSÉ, p. 10, arquivo, Rio Grande).

Este primeiro templo foi construído em estilo românico³, causando admiração, e o templo ficou conhecido pelos cidadãos da vila como “capela da ordem” devido ao seu tamanho e simplicidade, traços característicos do estilo românico. A estrutura do templo possuía 10 metros de largura, 40 metros de comprimento e 12 metros de altura, sendo a capela-mor ladeada

³ Estilo que nasce no final do século X, dividido em dois períodos: a primeira arte românica e a segunda arte românica, representando sua gênese e maturidade, respectivamente. Sua construção é caracterizada por uma estrutura maciça, pesada, de linhas simples e com um interior sombrio, devido à precária iluminação.



por tribunas e consistórios e ainda uma sala superior para reuniões. Durante seis meses, o templo serviu de moradia para monjas carmelitas.

Figura 1 - Capela do Carmo.



Fonte: <http://projetcocuriosidadesderiogrande.blogspot.com/2009/10>.

Aos fundos da capela, que se encontrava na Rua Benjamim Constant com Marechal Floriano, era mantido um cemitério murado. Os túmulos ficavam encravados nos muros e sua estrutura era de 25m x 30m, contendo 96 túmulos para adultos e 19 para crianças. Havia no centro do cemitério uma torre com quatro sinos de bronze que ascendiam da torre.

No início do século XX, Rio Grande teve o seu “boom” no desenvolvimento industrial. Inúmeras iniciativas fabris instalaram-se na cidade, como fábricas têxteis – Ítalo Brasileira – e o conhecido frigorífico Swift Armour. Além disso, foram feitas melhorias e ações relacionadas ao comércio marítimo, como um porto novo⁴ e um canal que proporcionasse meio seguro de navegação. Conforme Martins (2006, p. 146), “a cidade se diversificava nos mais diversos ramos comerciais, industriais e de serviços. Isso causava sempre boas impressões aos visitantes que passavam por Rio Grande no começo do século XX, ao contrário das descrições de pobreza durante o século XVIII e começo do XIX”.

Como consequência dessa fase de grande desenvolvimento, viu-se a necessidade de reformulação do espaço urbano. Rio Grande ainda possuía características coloniais, não havendo um planejamento ou organização das construções e suas disposições. Suas ruas eram estreitas, becos e continham um saneamento básico insuficiente.

⁴ Para saber mais sobre o contexto das melhorias com relação à construção de um novo porto consultar Martins (2006).



Em vista disso, o plano de modernização urbana previu, dentre outras ações, a demolição da Igreja do Carmo. Para justificar essa ação, os líderes locais defendiam a abertura de uma nova rua no centro urbano, conforme o seguinte relato: “localizado, este templo, no centro, na estreita ruela Dezesseis, o Governo do Município concertou a desapropriação deste imóvel, em 1920; para endireitar e transformar a velha dezesseis, na linda e larga Avenida Benjamin Constant”. (REVISTA FLORES DO CARMELO, 1938, p. 103).

A idealização do projeto se deu pela ordem dos carmelitas. Frei Cyriaco da Virgem do Carmo foi o projetista e o Frei Mariano de São José o executor da construção do templo, ambos espanhóis carmelitas. Os custos para a construção foram altos e a verba para tal advinha de contribuições de devotos da virgem e de isenções⁵ do poder público. A construção teve início no ano de 1930 e estendeu-se por mais dois anos devido à ida do Frei Mariano, o construtor, para Uruguaiana/RS onde executava o projeto de outra igreja do Carmo. Terminado seu trabalho na fronteira⁶, ele retornou ao Rio Grande em 1934, quando deu continuidade às obras da igreja do Carmo na cidade. Em 1938, a obra foi concluída e a igreja foi inaugurada no dia 22 de Abril de 1938.

Figura 2 - Igreja Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Autora da pesquisa, 2014.

⁵ Entre as isenções, cito a que foi concedida para que a imagem principal da padroeira, que está disposta no altar-mor da igreja, chegasse ao porto de Rio Grande diretamente de Buenos Aires, onde foi produzida. A isenção foi concedida pelo então presidente do Brasil, Getúlio Vargas. No entanto, a imagem foi enviada ao Rio Grande em nome de pessoa física, quando deveria ter sido em nome de pessoa jurídica. Isso fez com que o valor da imagem triplicasse somente pelos impostos (60 contos de réis). Um novo apelo e pedido de isenção foram feitos ao ministro da fazenda e ao presidente da república. Feitos os devidos esclarecimentos, foi concedida novamente a isenção de taxas sobre a imagem, que custou 22 contos de réis, valor pago por um empresário local.

⁶ A cidade de Uruguaiana é parte do território gaúcho e faz fronteira com o Uruguai.



Figura 3 - Interior da Igreja Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Autora da pesquisa, 2014.

Em sua inauguração, o templo que antes era lembrado por sua “capela” românica⁷, agora ostentava magnitude e riqueza de detalhes inspirados nos estilos e técnicas de construção desenvolvidas na Europa. Antagônica à sua primeira estrutura, a nova igreja passava a ser símbolo de imponência e magnitude na cidade. A técnica de construção empregada proporcionava aos fiéis desfrutar da estrutura de um templo alto e iluminado, fundamentada no objetivo de proporcionar, ao utilizar grande quantidade de luz natural na igreja, a elevação espiritual do homem. Isso foi possível devido ao emprego de arcobotantes⁸ e contrafortes que davam sustentação às abóbodas, paredes laterais abertas por grandes vitrais multicoloridos, além

⁷ Conforme Baschet (2006, p. 201), “a arte românica é uma arte de parede [...]; ela sublinha a importância de amplas superfícies de muralhas espessas e densas, cuja constituição em pedra é diretamente visível, no exterior, ou reproduzida por um estuque pintado no interior [...]. A igreja quer ser um Fortaleza que se defende contra o mundo exterior e, então, não pode, simbolicamente, deixá-lo penetrar em seu seio, a não ser com prudência.”

⁸ O arcobotante é uma construção em forma de meio arco, erguida na parte exterior dos edifícios na arquitetura gótica para apoiar as paredes e repartir o peso das paredes e colunas. Só assim se conseguiu aumentar as alturas das edificações, dando forma (beleza) e função (estrutura) com a técnica da época. O arcobotante liga-se ao botaréu (contraforte) e estes, ligados, auxiliam-se na sustentação do peso da abóbada.



da Rosácea⁹, conhecida como o olho da igreja e cujos raios coloridos inundam a nave central e o altar-mor.

O atual prédio da Igreja do Carmo é fruto de muitas idas e vindas, permeado por muitos fatos curiosos da cidade. A igreja localiza-se no centro histórico de Rio Grande, na Rua Gal. Bacellar, n. 244. Sua estrutura mede 38 metros de comprimento e 17 metros de largura, sua altura interna é de 16 metros e a altura desde a base até a ponta das agulhas é de 56 metros.

Em relação ao estilo arquitetônico da igreja, verificou-se haver entre a população de Rio Grande e mesmo entre os acadêmicos que entraram em contato com a presente pesquisa, que o estilo arquitetônico da igreja é definido como estilo *gótico* ou *neogótico*. O gótico enquanto estilo arquitetônico teve seu surgimento em meados do século XII, desenvolvendo-se ao longo do século XIII, devido ao grande número de construções de catedrais. Alguns dos elementos dessas catedrais, que atravessam décadas, são característicos do gótico, como por exemplo: arcos ogivais¹⁰, abóbodas sobre cruzeiros de ogivas¹¹, empuxos oblíquos¹², entre outros.

O gótico passou por quatro fases, a primeira desenvolveu-se na Ilê-de-France no século XII, seguida pelo gótico clássico na França no fim do século XII e meados do século XIII, fortalecendo-se em Champagne e a partir daí foi sendo disseminado ao longo das províncias e também no exterior, ocasionando diversas variações do estilo e formas distintas de se apropriar dele. A este se seguiu o terceiro e quarto período do estilo gótico, quais sejam o da arte irradiante (*rayonnant*) e arte flamejante (*flamboyant*), predominantes até o início do século XVI, com o desenvolvimento do gótico tardio. Ao longo do desenvolvimento do estilo buscou-se certa leveza nas construções e diversas manifestações foram realizadas dentro do estilo.

Por vezes, estudiosos optam por caracterizar edificações construídas no espaço tempo da igreja do Carmo, como uma construção *eclética*. Com relação ao significado contido nessa classificação, dicionários apontam a origem do termo eclético como provindo da filosofia, e sendo algo que não segue caminhos específicos e sistematizados, mas que se utiliza de diversas

⁹Estrutura composta por vitrais coloridos. Elas deixam a luz passar de forma longitudinal para o interior das igrejas, iluminando, assim, o altar-mor ao fundo da igreja. Mesmo sendo um elemento arquitetônico funcional, a rosácea também tem seus simbolismos relacionados às igrejas. A sua forma circular remeteria a dois símbolos: ao sol, representando Cristo, e à rosa, associada à Maria. Ainda no que tange à iluminação das igrejas, a luz que a rosácea direciona para o interior do templo é filtrada, comedida e multicolorida, criando, assim, uma atmosfera de recolhimento para os indivíduos.

¹⁰Estrutura formada por dois segmentos de círculo traçados de dois centros diferentes, são mais ou menos agudos conforme o afastamento dos centros. DUSCHER, Robert (2001). *Características dos estilos*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

¹¹É uma abóboda (espécie de teto de caixotões) reforçada por nervuras ou ogivas. Estas podem ser quadripartidas ou sexpartidas. Os empuxos se exercem sobre quatro pontos de nascimento da abóboda, daí sua leveza. *Ibid.*, p.48

¹²Um edifício gótico é um admirável sistema de equilíbrio e os empuxos oblíquos são sustentados pelo arcobante. O empuxo da nave lateral é rebatido pela carga vertical dos pilares. *Ibid.*, p.48



fontes e seus distintos meios sobrepostos, com o critério de melhor adequação e conveniência aos fins propostos. Encontramos o termo eclético em diversas instâncias do cotidiano, como nas artes e literatura e de igual modo na arquitetura, quando as obras passaram a ser compostas com elementos constituintes de outros estilos atendendo a conveniência do projetista.

O ecletismo, segundo Günter Weimer (2003), é um termo tautológico, pois define uma linguagem que tem por característica não seguir nenhum estilo ou padrão, e inconsistente, por ser um conceito intrinsecamente indefinido. Weimer argumenta ainda, que esse estilo apesar da liberdade criativa de se utilizar elementos segundo sua conveniência, concomitantemente se fundamenta no emprego de elementos pretéritos, o que para o arquiteto e pesquisador se configura uma contradição. Para ele o projetista continua escravizado às formas do passado, mesmo que esse estilo se refira à abolição estilística, e que se utiliza de vários estilos ao mesmo tempo em que não se utiliza de um específico.

Portanto, optou-se pela definição de Günter Weimer ao classificar a edificação Igreja do Carmo como sendo historicista. Weimer substitui termos como ecletismo ou neoclassicismo por historicismo, este último abrangendo os dois primeiros, visto que um contém o outro. Assim, define-se o historicismo como sendo “o método de concepção e realização arquitetônicas predominantemente empregados durante o século XIX e primeira metade do século XX e que se caracteriza pelo uso de uma linguagem extraída de realizações pretéritas”. (WEIMER, 2003, p. 45).

Defende-se que o historicismo tenha sido implantado no Brasil pela Missão Francesa, que veio às terras tupiniquins a convite de D. João VI em 1816. Atribui-se a introdução do novo estilo ao arquiteto Auguste Henri Grandjean de Montigny (1776-1850). Entretanto outros arquitetos podem ser relacionados ao estilo, tomando como exemplo Giuseppe Antonio Landi (1708/90) e seu projeto do Palácio do Governo, que completava dez anos em 1776, ano em que Montigny nascia. Embora não se faça muita referência à Landi, em 1973, Mello Jor afirmava:

Antes de Grandjean nascer, Belém já vira o Palácio dos Governadores, a velha Sé, a capela de S. João Batista, as igrejas de Sant’Ana e do Carmo, a capela do Murutuca e a fachada das Mercês. Enquanto a sede da Colônia e as Capitanias de Minas, Bahia e Pernambuco viviam o fastígio da Arte Barroca, Belém conhecia as tendências puristas de um novo classicismo de origem italiana. (MELLO apud WEIMER, 2003, p.60).

3. Prática docente e discente no Ensino de História

A pesquisa realizada acerca da história e da arquitetura da Igreja Nossa Senhora do Carmo foi imprescindível para nortear e fundamentar a prática docente desta autora, com o



objetivo de levar aos discentes alcançados o conhecimento da história do Rio Grande e conseqüentemente de sua própria história a partir da (re)significação do patrimônio arquitetônico local.

As atividades foram desenvolvidas com 30 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II da Escola Adventista de Rio Grande, no segundo semestre de 2014. A turma era composta na sua maioria por meninos, mais de 50%. É válido mencionar também que um número considerável de alunos era proveniente de outros estados, uma vez que o índice de alunos matriculados na escola devido à transferência de pais militares é notável.

No primeiro encontro com o 6º ano, foi colocada no quadro a palavra *patrimônio* como forma de despertamento para o tema da aula. Após, os alunos foram convidados a refletir sobre seu significado e uso. Depois, eles escreveram o conceito que tinham a cerca da palavra. A diversidade de conceitos foi animadora para introduzir o assunto. De imediato, não houve, por parte dos alunos, qualquer ligação da palavra com outros conceitos ramificados como bens culturais, materiais ou imateriais, uma vez que grande parte dos educandos fez menção ao conceito encontrado nos dicionários, segundo o qual patrimônio é aquilo que é herdado, passado de geração em geração.

Tendo esse primeiro conceito como mediador da reflexão sobre o tema, passamos a ampliar o entendimento da palavra e seu significado, interligando-a com outros conceitos já mencionados, quais sejam bens culturais, patrimônio material e imaterial, patrimônio individual e coletivo, tombamento e etc.

A turma, então, dividiu-se entre aqueles que não faziam ideia sobre o que realmente se refere à palavra patrimônio, aqueles que definiram exatamente conforme os dicionários e aqueles que ampliaram o conceito tratando dos bens culturais, em especial, bens materiais. A seguir, estão os conceitos elaborados pelos alunos.

“Patrimônio é quando dois casais se juntam”.

“Honrar a bandeira do nosso país.”

“Sociedade patriarcal”.

“Ajudar ter respeito ao próximo”.

“Eu acho que patrimônio é uma coisa parecida com política ou várias terras”.

“Patrimônio é quando duas pessoas se unem, ou seja, se casam”.

“Patrimônio é algo pertencente a alguém ou da pessoa. Um patrimônio histórico é algo ou alguma coisa que pertence a história de um país, uma cidade, ou um estado. Da cidade de Rio Grande um exemplo de patrimônio é a estatua de Bento Gonçalves.”

“Patrimônio por mim é o que mais pertence à história. Os lugares onde possuem lugares antigos como as pirâmides do Egito, o Cristo Redentor e etc. O riacho Ipiranga onde D. Pedro gritou ‘independência ou morte!’”

“Algo com significado histórico”.

“Uma coisa sua por direito”.

“A estátua de Bento Gonçalves”.



“Uma herança paterna e bens de família ou bens do entorno”.

Os conceitos elaborados pelos alunos foram lidos juntamente com eles, sem mencionar quais poderiam ser julgados corretos ou não. Alguns educandos se distanciaram consideravelmente do conceito, confundindo-o com outras palavras como *matrimônio*. Outros, ainda, “acertaram em cheio” ou fizeram ligação com monumentos encontrados no centro histórico da cidade ou ligaram a conteúdos do 5º ano que foram apreendidos no ano anterior na escola. Horta (1999, p. 13) afirma que:

a Educação Patrimonial (...) baseia-se em princípios e metodologia que visam a sensibilizar e instrumentalizar os indivíduos de uma comunidade, no universo escolar e fora dele, crianças e adultos, para o reconhecimento, a compreensão e a valorização do seu patrimônio cultural. Nesse sentido a Educação Patrimonial objetiva a capacitação de uma comunidade para a descoberta e identificação de seus valores, de sua identidade cultural, de seus modos de fazer e de viver, de pensar e de agir, a partir de suas experiências e do seu cotidiano. Ao apropriar-se do sentido e da peculiaridade de suas manifestações, em todos os aspectos da vida diária, estes indivíduos tendem a modificar sua atitude em relação aos seus bens, tangíveis e intangíveis, a recuperar os sentimentos de autoestima, autoafirmação e cidadania.

Por esse motivo, esse primeiro momento – que chamaremos de diagnóstico do que os educandos compreendiam sobre patrimônio – é importante, uma vez que a educação patrimonial objetiva, enquanto metodologia, a transformação das representações, das visões de mundo no que tange aos aspectos da cultura, da cidade e do patrimônio.

Partindo desse pressuposto explanado por Horta (1999), foi apresentado à turma um *PowerPoint* com conceitos e com imagens (de homem andando de carroça, de carros, de casas, de gaúchos tomando chimarrão, de dunas de uma praia, a pintura da Monalisa, entre outras) que proporcionaram aos alunos refletir sobre a diversidade de vertentes que a palavra patrimônio pode ter. Através da apresentação das imagens e das discussões resultantes das mesmas, foi introduzido aos alunos o tema que nortearia as atividades da proposta: patrimônio arquitetônico, em especial, uma edificação cultural de Rio Grande, sem que ficasse claro qual seria.

No encontro seguinte, foi solicitada aos alunos que desenhassem a Igreja Nossa Senhora do Carmo e escrevessem um pequeno relato sobre a mesma. Nesse momento, a turma se agitou e muitos mencionaram nem saber de que igreja se tratava. Além disso, a turma não recebeu mais informações sobre a mesma, pois fazia parte da atividade observar o nível de conhecimento ou o espaço que essa edificação ocupava em seu imaginário.



Figura 4 - Ilustração de aluno, Igreja do Carmo.



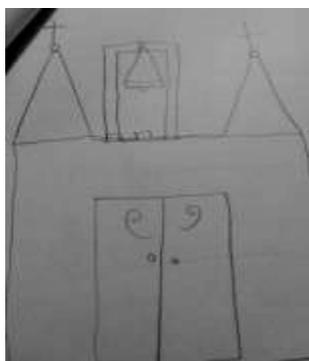
Fonte: Aluno, 2014.

Figura 5 - Ilustração de aluno, Igreja do Carmo.



Fonte: Aluno, 2014.

Figura 6 - Ilustração de aluno, Igreja do Carmo.

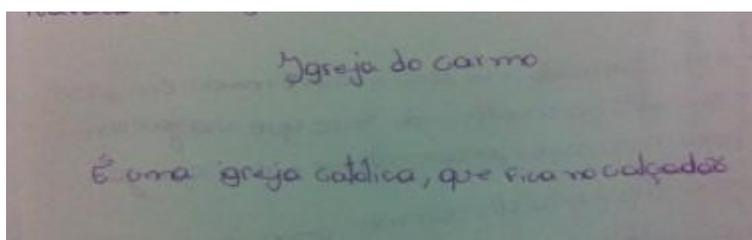


Fonte: Aluno, 2014.

Este momento da atividade foi interessantíssimo, uma vez que é do ser humano ficar desconfortável para falar sobre assuntos que não domina e mais ainda para desenhar algo que nunca viu. Desse modo, a partir do desconforto dos alunos, puderam-se observar os estereótipos representativos de igrejas, o que vai além da inabilidade ao desenhar, mas uma desatenção para com o patrimônio local e sua arquitetura. Após a execução dos desenhos, os alunos entregaram os mesmos e foi introduzida a história e a arquitetura da igreja, detalhes sobre sua construção, pessoas responsáveis e colaboradores, e ainda acerca de seus elementos arquitetônicos. Os alunos riam devido à ausência de semelhança entre seus desenhos e a rica edificação da Igreja do Carmo, e ao mesmo tempo mostraram-se empolgados e receptivos em relação ao estudo da arquitetura de um bem cultural da cidade.

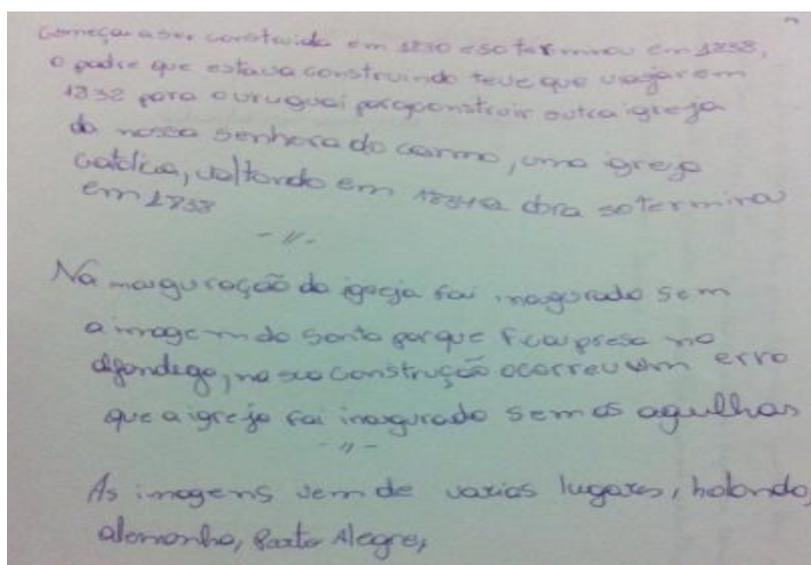
No que se seguiu às reflexões reverberadas após o estudo da história e arquitetura da igreja, foi solicitado aos discentes que (re)pensando sua ideia anterior acerca da igreja, escrevessem novamente sobre a mesma, a partir dos novos conhecimentos adquiridos.

Figura 7 - Primeira escrita de aluna sobre a igreja.



Fonte: Aluno, 2014.

Figura 8 - 2ª escrita sobre a igreja, após as discussões em aula.



Fonte: Aluno, 2014.



Transcrição: Começou a ser construída em (1930) e só terminou em (1938), o padre que estava construindo teve que viajar em (1932) para o Uruguai para construir outra igreja da Nossa Senhora do Carmo, uma igreja católica, voltando em (1934), a obra só terminou em (1938). Na inauguração da igreja, foi inaugurado sem a imagem da santa por que ficou presa na alfândega, na sua construção ocorreu um erro que a igreja foi inaugurada sem as agulhas. As imagens vem de vários lugares, Holanda, Alemanha, Porto Alegre.

Foi notável como os fatos curiosos que formam o rizoma da história da igreja tornaram-se catalizadores para o interesse dos alunos e para a absorção dos conhecimentos apreendidos através da aula. E aqui, os educadores têm em mãos significativas ferramentas e *ganchos* para enriquecer a aprendizagem dos educandos, partindo dos conhecimentos prévios dos mesmos.

Durante o conhecimento da arquitetura da igreja, frequentemente eram mencionados filmes que fazem parte do universo dos adolescentes a fim de traçar paralelos com o que estava sendo apresentado em sala de aula. Cita-se como exemplo o filme *Corcunda de Notre Dame*, uma produção da Disney, onde a referida catedral aparece em sua estrutura com elementos semelhantes aos encontrados na Igreja do Carmo, como a rosácea, ou ainda as gárgulas presentes em diversos filmes mitológicos e de aventura como os filmes da saga *Harry Potter*.

Ao final das aulas os alunos eram avisados quanto às últimas atividades da proposta, que envolviam, por exemplo, a visita guiada nas dependências da Igreja do Carmo e também uma ação fotográfica fazendo uso de imagens que ilustravam o passado dessa edificação.

Rio Grande orbita o imaginário de muitos como cidade histórica, e ela o é, no entanto há pouco conhecimento da história do município, principalmente no que tange à arquitetura antiga. É notável a falta de políticas ativas de preservação das edificações de cunho histórico no município. Desta feita, paralelamente ao slogan de cidade histórica, está a dura realidade de edificações históricas culturais que estão descaracterizadas e que foram abandonadas ao “acaso” a fim de que tombem por si próprias e assim, indivíduos possam entrar em cena com outras iniciativas de aproveitamento – do terreno, é claro. Embora este seja um problema de ordem ampla, serve de motivação e justificativa de ações preservacionistas tanto da memória quanto do patrimônio de *pedra e cal* nas escolas e na comunidade, o que motivou a saída pedagógica.

A turma foi então conduzida para uma manhã de aula externa que iniciou com os alunos assentados na escadaria da igreja. Ali, em frente àquela estrutura que antes passava despercebida pelos educandos, agora os mesmos relatavam à professora as histórias que haviam ouvido e apreendido em sala de aula. Apontavam os elementos arquitetônicos enquanto lembravam tudo que ouviram e curiosos questionavam sobre diversos detalhes que só puderam ser vistos com mais riqueza mediante a visita guiada. É interessante pontuar que um dos objetivos finais de propostas baseadas na metodologia da educação patrimonial, é que os



indivíduos envolvidos com a valorização do patrimônio sejam multiplicadores de ações que valorizem e protejam o mesmo.

Com a aula iniciando na escadaria externa da igreja, como grupo, já se desempenhava esse papel de multiplicadores, uma vez que somente pelo fato de voltarmos os olhos para a edificação – que está localizada em uma rua de grande fluxo de pedestres – aqueles que por ali passavam apressados dedicavam também alguns segundos para contemplá-la ou mesmo para ouvir as ponderações dos educandos com relação aos elementos da fachada da igreja.

Figura 9 - Alunos e docente durante a aula em frente a igreja.



Fonte: Fotografia, 2014.

Figura 10 - Alunos e docente durante a aula em frente a igreja.



Fonte: Fotografia, 2014.

Figura 11 - Alunos e docente durante a aula em frente a igreja.



Fonte: Fotografia, 2014.

Os momentos que se seguiram aconteceram no interior da igreja, já que durante as aulas foram apresentados tanto os elementos externos, quanto internos da estrutura da igreja. Maravilhados, mais uma vez os educandos relembravam os estudos da sala de aula e os relatos desta autora quando em sala de aula não foram suficientes ao definir previamente aquilo que agora estavam diante de seus olhos.

Enquanto conversávamos sobre o mármore do altar-mor fomos recepcionados por um diácono da igreja que tratou de relatar aos educandos mais detalhes sobre a história da igreja, os alunos o ouviam atentamente e a conversa prosseguiu, enquanto a turma era dirigida a outros espaços restritos aos fiéis da igreja no cotidiano, como a biblioteca e o subsolo da igreja, onde encontramos ainda alguns moldes utilizados para a confecção das torres e agulhas.

A experiência de contato próximo com a edificação estudada em sala de aula foi de extrema importância para que o despertar das questões patrimoniais nos educandos tivesse início. Com toda certeza esse reconhecimento do patrimônio – um dos passos da educação patrimonial enquanto metodologia – se faz como parte essencial da proposta. Além disso, ser recepcionado por alguém que vive diariamente respira a história da igreja e faz parte ativa da mesma, corrobora ainda mais para a compreensão da ideia de patrimônio, de sentir pertencente a um determinado lugar, espaço ou cultural e de ter o desejo de compartilhá-la e valorizá-la.



Figura 12 - Turma durante a explicação no interior da igreja.



Fonte: Fotografia, 2014.

Figura 13 - Turma durante a explicação no interior da igreja.



Fonte: Fotografia, 2014.



Figura 14 - Turma recebida pelo diácono da igreja.



Fonte: Fotografia, 2014.

Ao retornarmos para a sala de aula, no encontro seguinte, relembremos a experiência na visita à Igreja do Carmo, esse primeiro momento foi relevante para ouvir a opinião dos alunos sobre a edificação estudada e como foi observar tão próximo tudo o que foi apreendido na sala de aula. Após o diálogo, os alunos foram conduzidos até a sala de informática da escola onde responderam algumas questões relativas à questão do patrimônio. A seguir, algumas das questões apresentadas aos alunos, seguida de amostragem das respostas às mesmas, numeradas de acordo com a ordem de questões.

1. Para você, qual a importância da igreja do Carmo?
2. Você acredita que ela representa vários grupos sociais da cidade?
3. Você seria a favor da “eliminação” do prédio? Justifique sua resposta.
4. Foi importante conhecer sobre a arquitetura da igreja e sua história?
5. Conhecendo a história da igreja foi possível conhecer um pouco de Rio Grande?
6. Conhecer a história de Rio Grande significa conhecer a tua história também? Por quê?
7. Se você fosse deixar um recado/aviso para alguém que irá visitar a igreja daqui a muitos anos, qual seria?
8. O que mais você gostou de conhecer sobre a história da igreja?

Respostas:

1. “Pois é um monumento histórico que tem uma ótima História.”
“Para mim não é importante, mas para a sociedade católica em geral é bastante importante.”
“É importante, pois é um patrimônio histórico”.
“Porque ela faz parte da história de Rio Grande”
“Param mim ela não tem importância, mas para a sociedade em geral ela é uma das peças fundamentais para se contar a história de Rio Grande, e da religião de tal cidade.”
2. “Sim, pois diversas pessoas fizeram, ou fazem parte dessa igreja”.



- “Não.”
 “Sim”
 “Não, pois depende da escolha e da religião de cada um”.
 3. “Não, pois se para mim não é importante, para outros é.”
 “Não, pois se fosse destruída uma parte da historia de Rio Grande também seria”.
 “Não, pois é uma das belezas que constitui Rio Grande”.
 “Não, pois mesmo eu não sendo católica, a igreja é também um dos patrimônios de Rio Grande”.
 4. “Sim, conheci parte da história de Rio Grande”.
 5. “Sim, pois faz parte de Rio Grande e da história de sua construção.
 “Mais ou menos”
 6. “Sim, porque eu faço parte de Rio Grande”.
 “Não, eu não moro em Rio Grande”.
 “Não, pois não nasci aqui e sim vivo.”

As respostas dos educandos refletem a forma como compreenderam e observaram a questão do patrimônio através do conhecimento acerca da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Certeau (1998, p. 40) afirma que “a presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários”.

Para alguns autores, a representação pode ser entendida como visão de mundo, interpretação deste a partir das vivências que constituem o indivíduo, sendo assim ao professor iniciar uma proposta, principalmente propostas ligadas ao patrimônio onde é latente a abordagem de questões como identidade, pertencimento e crítica, torna-se um desafio de não cair na imposição de algo a que o aluno não se identifique.

É certo que este é um trabalho, como qualquer um na área do ensino, que vai receber respostas positivas e negativas aos estímulos realizados. Nos processos patrimoniais não seria diferente. Entre os alunos destacavam-se aqueles que ao olhar para a estrutura da Igreja Nossa Senhora do Carmo ficavam maravilhados, em contrapartida nos relatos de alguns, mesmo após as extensas conversas sobre a estrutura arquitetônica da igreja, ela era ainda somente uma igreja. A vivência de cada aluno vai ser determinante na forma como estes vão se apropriar do patrimônio edificado, a forma como este foi apresentado com toda a sua valorização e legitimidade não é garantia de que todos os que apreenderam dele irão valorizá-lo.

Durante a proposta, participaram educandos que, com a transferência dos pais, passaram a residir em Rio Grande no ano de 2014. Assim, o próprio conhecimento dos espaços que convivem ainda se faz muito novo para estes alunos. Há, ainda, aqueles alunos que são naturais de Rio Grande e que, por sua vez, não se permitiam um estreitamento de laços com a igreja, não sentiam que a história da igreja também fosse a sua própria enquanto cidadão de Rio Grande.

Para alguns educandos, o processo de apropriação da igreja como patrimônio local é bem rápido, pois a beleza da igreja a todos encanta. No entanto, para outros, como se pode observar anteriormente com as respostas das questões apresentadas, esse processo estava ainda



em continuidade, uma vez que compreendiam que a igreja carrega e faz parte da história de Rio Grande. Para outros, esse processo ainda não havia começado, uma vez que pensavam a igreja enquanto patrimônio somente para aqueles indivíduos que fazem parte da comunidade religiosa ou cidadina, pois alguns alunos residem em São José do Norte.

Portanto, defende-se que os processos patrimoniais devem estar presentes em grande parte das etapas escolares, porque os educandos precisam compreender e pensar por si próprios o patrimônio local e as circunstâncias que assim os legitimam, para que possam valorizar uma história que compreendam. Também porque o processo de valorização é como os indivíduos, plural, e não se atém ao tempo e à fórmulas, por este motivo exige a ciência de que não é imposição, mas sim processo que faz parte da constituição dos indivíduos enquanto cidadãos.

4. Considerações Finais

Acredita-se que conhecer a sua própria história é um ato de cidadania e que o melhor nicho para o desenvolvimento de propostas que incidam no futuro das comunidades é o espaço escolar. Afinal, as crianças e os jovens são agentes do hoje, não só do amanhã como é corriqueiro ouvir. Crescem com grande capacidade de absorver conhecimento, influenciar indivíduos e dispõem de energia para tal.

A escola ainda é importante locus de (trans)formação do cotidiano e do futuro, com isso é preciso atrelar aos conhecimentos necessários para a formação acadêmica dos discentes, saberes práticos que formem não só o caráter moral, mas o caráter de consciência coletiva e também indivíduos que não serão meros reprodutores de informações, e sim conhecedores de sua própria história e das micro e macro histórias coletivas que culminam na sua própria.

Mário Quintana escreveu em um pequeno poema as seguintes palavras: “o que mata um jardim não é abandono. O que mata um jardim é esse olhar vazio, de quem por ele passa indiferente”. Daí a importância de trazer à tona aos alunos e à comunidade, a presença física e simbólica do patrimônio local, fazendo com que este seja percebido. Lançar, ao patrimônio, olhares atentos que irão lhe devolver o significado e por consequência, atribuir-lhes novos significados. Novas relações com o meio citadino serão travados, distintas apropriações acontecerão e assim o patrimônio será valorizado. Horta (1999, p. 6) afirma que “a Educação Patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido”.

Por esta ótica, é cabível defender que além do conhecimento da história local, a educação para o patrimônio proporciona aos educandos visão ampliada de mundo, consciência



histórica e colabora com o desenvolvimento da criticidade.

Através da presente proposta, observamos a importância que há em estar atento às questões do cotidiano e em compreender que disciplinas como a de História tem o caráter investigativo, de produção de questionamentos, configurando-se, assim, como importante ferramenta para atingir tais objetivos.

Além disso, a proposta proporciona um conhecimento acerca da história local, através do estudo de sua arquitetura e as influências externas traduzidas nela. Ainda, o estudo da arquitetura da Igreja do Carmo exemplifica, em alguns de seus elementos arquitetônicos, a compreensão de um estilo gótico e sua contextualização temporal, ampliando, assim, os conhecimentos não apenas no que concerne os conteúdos abordados, mas também o conhecimento de diferentes culturas e suas formas de apropriação dos espaços, matéria-prima e modos de fazer e viver.

Ademais, ao final da proposta, conclui-se que os processos patrimoniais são essenciais para a compreensão das pluralidades culturais que existem no cotidiano dos indivíduos e que esse processo não deve, com base nas reflexões da presente pesquisa, trabalhar com valorizações impostas, uma vez que trabalhamos com indivíduos e pluralidades que, através da compreensão da ideia de patrimônio, irão efetivamente pensar criticamente e optar pelos patrimônios a que se identificam.

Por fim, a trajetória docente deve encarar tanto esses desafios com relação à valorização do nosso patrimônio edificado ou não, visto que há certa distância entre ele e os cidadãos, uma vez que não se identificam, muitas vezes, com os bens culturais; e com relação à formação de indivíduos críticos e que tenham suas capacidades plenamente desenvolvidas e atuantes na sociedade. Assim, enquanto encaramos esse desafio, vamos agindo localmente, a fim de transformar globalmente.

Referências

BASCHET, Jérôme. **A Civilização Feudal**: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

JORNAL RIO GRANDE. 20 de Abril de 1938. Biblioteca Rio-grandense: Rio Grande.

JORNAL CRUZEIRO DO SUL. 23 de Abril de 1938. Rio Grande.



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
UNIVERSIDADE DO SUL DE BRASÍLIA
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

Revista Memorare, Tubarão, SC, v. 2, n. 3, p. 26-46 maio./ago. 2015. ISSN: 2358-0593.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

PROJETO CURIOSIDADES DE RIO GRANDE. Disponível em:
<http://projeto curiosidadesderiogrande.blogspot.com/2009/10/cemiterio-do-carmo.html>. Acesso em: 26 de maio 2011.

REVISTA MENSAL ILUSTRADA DOS PADRES CARMELITAS. **Flores do Carmelo**. Arquivos da Igreja do Carmo. Rio Grande. Porto Alegre: 1938, nº 112.

_____. **Flores do Carmelo**. Arquivos da Igreja do Carmo. Porto Alegre: 1938, nº 122.

_____. **Flores do Carmelo**. Arquivos da Igreja do Carmo. Porto Alegre: 1938, nº 130.

_____. **Flores do Carmelo**. Coletânea. Arquivos da Igreja do Carmo. Porto Alegre: 1935-1936.

TOMBO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO. Rio Grande: 1912 - 1938. Arquivos da Igreja do Carmo, Rio Grande.

WEIMER, Günter. **A vida cultural e a arquitetura na República Velha Rio-grandense 1889-1945**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

Recebido em: 30/04/15. Aprovado em: 30/09/15.